

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
 devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
 de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
 2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,

7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 155-167

AS CERÂMICAS DE ORNATOS BRUNIDOS DA GRUTA DO CORREIO-MOR (LOURES)⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾.

Colaboração de M. Leitão, O. da Veiga Ferreira†, C.T. North & J. Norton

1 - LOCALIZAÇÃO E TRABALHOS REALIZADOS

A gruta natural do Correio-Mor, cerca de 1 Km WSW de Loures (Fig. 1) foi identificada em 1974, no decurso de lavra de pedreira que explorava os calcários duros do Cretácico – Cenomaniano superior (ZBYSZEWSKI, 1964). Nos escombros desta primeira, embora fortuita, destruição, recolheu o Arq. F. Berger uma placa de xisto gravada, cerâmicas e uma lâmina de sílex. As explosões haviam provocado o desmonte da parede oriental da gruta, seccionada longitudinalmente, mas conservando o enchimento arqueológico junto da parede ocidental. Contactado o Dr. José Norton, pelo referido arquitecto, foi decidido explorar o que restava do depósito arqueológico, sob a direcção de O. da Veiga Ferreira; no decurso de tais trabalhos de emergência, efectuados por O. da Veiga Ferreira, M. Leitão, J. Norton e C. T. North, regularizou-se o corte posto a descoberto pelas explosões e prolongou-se o mesmo até ao chão primitivo da cavidade; porém, novas explosões, efectuadas após o início de tais trabalhos, e sem o conhecimento dos referidos arqueólogos, vieram prejudicar o curso dos mesmos, deste modo limitados a um retalho do depósito que se conservou no sector mais próximo da presumível entrada, voltada para Sul, correspondente a cerca de dez por cento do seu volume inicial (Figs. 2 e 3). O corte realizado permitiu identificar uma sequência cultural de larga diacronia, representada na base por artefactos líticos mustierenses e na parte superior por fragmentos cerâmicos da Idade do Ferro e posteriores (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138). Contudo, a larga maioria dos materiais proveio de recolhas superficiais, nos taludes das terras desmontadas pelas explosões. Desta forma, foram determinantes

⁽¹⁾ Trabalho realizado pelo primeiro signatário no âmbito do estudo sistemático dos materiais arqueológicos exumados pelos restantes e postos à sua disposição por M. Leitão, seu fiel depositário.

⁽²⁾ Da Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade de Aberta (Lisboa) e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

as suas características tipológicas na respectiva classificação crono-cultural. Neste caso estão os nove exemplares das Fig. 4 e 5, para os quais não se conhece proveniência exacta. Os restantes cinco (Fig. 6) foram recolhidos em sector restrito, *in situ*, (L/0,4 - 0,8) e na camada correspondente à Idade do Bronze (cf. FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138).

Trata-se de exemplares exibindo a bem conhecida decoração designada por “ornatos brunidos”, que os situa, inquestionavelmente, no Bronze Final, constituindo conjunto homogéneo, de evidente interesse para o conhecimento da presença humana no decurso da referida etapa cultural, na região de Lisboa.

2 - AS CERÂMICAS DE “ORNATOS BRUNIDOS”

Deve-se a E. da Cunha Serrão o primeiro e decisivo contributo para o conhecimento destas cerâmicas no que concerne ao território português, até então apenas reconhecidas em Mesas de Asta (Jerez), onde foram designadas por cerâmicas com decoração “reticulada” (GUERRERO, 1945, Lám. 8) e atribuídas ao final da Idade do Bronze. A exploração da Lapa do Fumo (Sesimbra) proporcionou-lhe a identificação de cerâmicas com técnica decorativa idêntica às andaluzas; tendo em consideração critérios estratigráficos foi possível ao referido autor situar tais cerâmicas, com maior probabilidade, também no fim da Idade do Bronze (SERRÃO, 1959, p. 343, 344). A técnica decorativa foi correctamente descrita, logo nos primeiros estudos de SERRÃO (1958, 1959, 1970): consistiu na aplicação de uma ponta romba deslizante sobre a superfície externa dos recipientes, depois de secos ao sol, ou talvez após uma pré-cozedura, como em certas cerâmicas artesanais do Norte de Portugal, mas seguramente antes da cozedura final. Obtinham-se, assim, pequenos sulcos, com brilho acetinado e de coloração mais escura que a superfície sobre a qual se produziam. Por exemplo, se esta fosse acinzentada, os sulcos apresentam-se anegrados; caso se apresentasse de coloração castanha, os sulcos mostrar-se-iam castanho-escuros; enfim, se avermelhada, aqueles adquiriam coloração “grenat”.

As próprias superfícies mostram-se cuidadosamente preparadas, através de alisamento e brunimento, incluindo, por vezes, a aplicação prévia de uma aguada, facilitando o acabamento final, recorrendo a seixos ou outros corpos lisos, cujas marcas são evidentes em numerosos exemplares da gruta do Correio-Mor, especialmente na face interna, não decorada, à semelhança no verificado em exemplares de outras estações. Este é também o lado que mais sinais de erosão exhibe em tais fragmentos: a película endurecida, resultante da aplicação de aguada e do brunimento, desapareceu em cinco dos catorze exemplares, por escamação, facto que deverá ser imputado ao tipo de utilização dado aos recipientes.

2.1 - Pastas

As pastas dos catorze fragmentos recolhidos na gruta de Correio-Mor apresentam-se invariavelmente de textura fina e média sendo, pois, característica independente do tamanho dos recipientes.

Excepcionalmente, ocorrem grãos de grandes dimensões, de feldspatos ou de quartzo, que são os dois grupos mineralógicos dominantes.

Acessoriamente, estão presentes, nalguns fragmentos, mas sempre em pequenas quantidades, minerais ferromagnesianos: a escassez destes não permite – ao contrário do verificado para outras estações da Idade do Bronze da região de Lisboa – considerar uma produção local, com base na exploração de materiais argilosos resultantes da alteração dos tufo e rochas basálticas existentes na região, como no povoado da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1986; CARDOSO, 1995 a, d).

Tal não significa, porém, aceitarmos origem exógena para tais cerâmicas; no próprio leito aluvionar do Tejo, e especialmente na sua zona estuarina, poderiam colher-se materiais argilosos com características plásticas e mineralógicas compatíveis com as exibidas pelas pastas de estes recipientes, aos quais os elementos não plásticos mais grosseiros (como se disse, muito escassos), teriam sido intencionalmente adicionados como desgordurantes. Poderiam ser oriundos da região granítica de Sintra, a partir da qual se difundiriam, por comércio, para regiões onde não seria possível obter tais elementos, como a região da Arrábida, para além da que agora nos ocupa (CARDOSO & CUNHA, 1995).

2.2 – Colorações

Todos os fragmentos em apreço apresentam colorações castanho-avermelhadas ou castanho-anegradas, tanto nas superfícies interna como na externa; o núcleo é, nalguns casos, mais escuro. Trata-se, pois, de vasos que revelam ambiente de cozedura uniforme, tendencialmente oxidante na fase final da operação.

2.3 – Decorações

Os “ornatos brunidos” conservados nestes catorze fragmentos ocorrem sempre na sua face externa. Correspondem a temáticas decorativas muito simples: nos recipientes de maiores dimensões, trata-se, apenas, de bandas horizontais ou verticais, de largura variável; nos exemplares de menores dimensões, embora estas também ocorram, predominam temáticas mais elaboradas: estão presentes as linhas paralelas, por vezes organizadas em malha reticulada e as bandas largas, alternantes nos espaços intermédios, por fino reticulado, obtido por linhas paralelas, oblíquas ou ortogonais às referidas bandas.

Como se disse, são sempre mais escuras que as colorações dos fundos sobre as quais foram produzidas: daí que dominem as tonalidades anegradas sobre as acastanhadas. De salientar a existência de uma decoração radiada, executada no lado externo do fundo plano de um grande recipiente (Fig. 5, n.º 5), aproximando-se, nesse particular, do exemplar exumado na *tholos* do Monge, Sintra (LEISNER, 1965, Tf. 66, n.º 25), embora neste os ornatos sejam mais nítidas e regulares.

2.4 – Formas

A pequenez dos fragmentos impede, em geral, a determinação rigorosa da tipologia dos respectivos recipientes. Crê-se, pelos dois bordos e porção do bojo com arranque do colo conservados, que se trata de vasos de bojo convexo, separados dos respectivos colos, altos e cilíndricos, de inclinação variável e de paredes tendencialmente rectilíneas, por carenas de posição e morfologia desconhecida; nestas circunstâncias, podem aproximar-se das formas 3A, B e 6A, B de MARQUES & ANDRADE (1974, p. 141), constituindo os exemplares quase completos da sepultura de Roça do Casal do Meio, Sesimbra (SPINDLER *et al.*, 1973/74, Fig. 11) e do povoado do Monte da Pena, Torres Vedras (MADEIRA *et al.*, 1972, p. 209) equivalentes próximos. Trata-se, pois, de grandes recipientes fechados, que caracterizou o Tipo A da classificação de GAMITO (1990/92), considerado anterior ao Tipo B, que integra as formas abertas.

Tal como aqueles e os exumados na Lapa do Fumo, Sesimbra recentemente reestudados (CARDOSO, 1995 b, c), também os fragmentos da gruta do Correio-Mor exibem decoração por ornatos brunidos na parte superior do bojo ou ocupando áreas mais ou menos extensas do colo e ainda junto ao bordo.

Porém, ao contrário do verificado naquela gruta, recipientes de menores dimensões, designadamente as características taças carenadas, por vezes com exuberante decoração brunida, que ali ocorrem, constituem, na do Correio-Mor, forma muito rara (Fig. 5, n.º 4).

Os fundos dos grandes recipientes, a que pertencem a larga maioria dos fragmentos ora estudados, são planos, como indica o fragmento da Fig. 5, n.º 5, situação usual no Bronze Final.

3 – INTERPRETAÇÃO, INTEGRAÇÃO CULTURAL E CRONOLOGIA

Qual o significado paleontológico da ocorrência de tais cerâmicas nesta gruta natural? Julgamos que é de lhes atribuir significado ritual, correspondendo a oferendas em santuário rupestre; trata-se de hipótese já anteriormente defendida para explicar as situações homólogas observadas na gruta natural da Lapa do Fumo, Sesimbra (CARDOSO, 1995 b, c), sem dúvida o paralelo mais próximo da situação em apreço. Com efeito, tal hipótese parece ser, em ambos os casos, adequada face aos factos observados, tendo em consideração a escassez de restos humanos, que aliás poderão pertencer a épocas anteriores, quando ambas as grutas foram usadas como necrópoles.

Fica, pois afastada a hipótese de se tratar de oferendas funerárias, a menos que a respectiva necrópole fosse de incineração, correspondendo, deste modo, os grandes recipientes a urnas cinerárias, hipótese que, embora carecendo de demonstração, não é de rejeitar de todo.

A existência de santuários em gruta no Bronze Final foi anteriormente discutida (CARDOSO & CUNHA, 1992). Além da Lapa do Fumo, pode referir-se, entre outras, a gruta natural de Ibne Amar, Lagoa, cujo espólio da Idade do Bronze foi recentemente publicado (GOMES, CARDOSO & ALVES, 1995).

Tem-se discutido a presença destas cerâmicas no Centro e Sul do País. Apesar de ser técnica conhecida no Calcolítico Inicial da Estremadura, a sua re-introdução no Bronze Final, parece dever-se a influxos exógenos, do Mediterrâneo Central, talvez da Sardenha. Tal hipótese, defendida por SHUBART (1971), foi ulteriormente reforçada pela recolha, no monumento funerário da Roça do Casal do Meio, Sesimbra, a par de um grande vaso com ornatos brunidos, de uma rara fibula com enrolamento no arco, situável nos séculos XI - X/IX AC. A distribuição deste tipo de fibula no território peninsular e além-Pirinéus (SENNA-MARTINEZ, 1994, p. 225), de evidente origem mediterrânea, ilustra, outrossim, a sua difusão continental e atlântica, por via de um comércio trans-regional, crescentemente afirmado no decurso do Bronze Final. Tal comércio explica o aumento crescente, no decurso do Bronze Final, de artefactos metálicos manufacturados na região estremenha: exemplo frisante é a substituição de modelos líticos de foices por equivalentes metálicos, fabricadas localmente: o molde de Rocanes, Cacém (FONTES, 1916), é disso exemplo.

É neste contexto que se deverá interpretar a presença das cerâmicas de “ornatos brunidos”, correspondentes à fase final do Bronze Final, conclusão reforçada pela sua ausência em “habitats” do início do Bronze Final da região, como a Tapada da Ajuda, cuja ocupação foi datada pelo radiocarbono do século XIII AC (CARDOSO, 1995 a, d).

Tal sequência tem, aliás, equivalente na Andaluzia, apesar de ali as decorações se apresentarem, ao contrário das peças portuguesas, do lado interno dos recipientes e possuírem maior longevidade, sobrevivendo até *ca.* 600 a.C. (TEJERA-GASPAR, 1980; BELÉN, AMO & FERNÁNDEZ-MIRANDA, 1982), por ora desconhecidas nos espólios da Estremadura portuguesa. Porém, a sequência estratigráfica do Alto do Castelinho da Serra, Évora mostra que, no Alentejo tais cerâmicos sobreviveram até ao século VII a.C., coexistindo ali com as cerâmicas feitas ao torno rápido de origem oriental (GIBSON, CORREIA & BURGESS, 1998), embora mostrem características diferentes, intermédias entre o grupo estremenho português e o grupo andaluz.

Tal diferença, não dispicienda, leva a integrar os materiais do nosso território em um “círculo cultural” próprio, ao qual, aliás, estão subjacentes outras características económicas e sociais específicas. Com efeito, a afirmação de tais cerâmicas na Estremadura, as quais se prolongaram até à introdução na região das primeiras produções orientais, feitas ao torno rápido, no século VIII/VII AC, através do comércio fenício, acompanha o advento de povoados de altura, onde ocorrem preferencialmente. Citem-se, de concelhos distintos, mas da área geográfica correspondente à gruta do Correio Mor, apenas três povoados de altura onde se recolheram tais cerâmicas de “ornatos brunidos”: o Cabeço do Mouro, Cascais (CARDOSO, 1991); o Castelo dos Mouros, Sintra (CARDOSO, 1997); e o Cabeço dos Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971).

A escolha de tais lugares, com condições de defesa adequadas, com equivalentes, tanto na Beira Interior, como no Alentejo (VILAÇA, 1995; BUBNER, 1996; GAMITO, 1990/92; SPINDLER *et al.*, 1973/74), corresponderá à própria evolução interna da formação económico-social do Bronze Final na Estremadura, caracterizada por crescente hierarquização social; as “elites” de cada uma dessas comunidades, sediar-se-iam em lugares facilmente defendidos, de onde controlariam determinados

territórios, bem delimitados e exaustivamente explorados por unidades agrícolas de raiz familiar delas dependentes (CARDOSO, 1995 e) – são os “casais agrícolas”, na adequada expressão de MARQUES & ANDRADE (1974) – bem como as vias de comunicação entre eles existentes. Colhiam-se, deste modo, as mais-valias decorrentes do comércio transregional, através do qual objectos metálicos ou as respectivas matérias-primas, além de produtos de luxo (jóias, adereços), destinados às referidas “elites”, seriam permutados por excedentes da produção agrícola, que constituíram o mais importante e valioso produto com valor económico, susceptível de ser produzido de forma excedentária, na região da Baixa Estremadura (KALB, 1980).

Trata-se, afinal de modelo já preconizado tanto para o Centro-Norte do País (SENNA-MARTINEZ, 1994, p. 226), como para o Sul do nosso território (PARREIRA, 1983, p. 167; 1995).

BIBLIOGRAFIA

- BELÉN, M; AMO, M. del & FERNÁNDEZ-MIRANDA, M. (1982) – Secuencia cultural del poblamiento en la actual ciudad de Huelva durante los siglos IX - VI a.C. *Huelva Arqueológica*, 6, p. 21-39.
- BUBNER, T. (1995) – A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal. In J. de Alarcão (ed.), *De Ulisses a Viriato – o primeiro milénio a.C.*, p. 66-72. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – Os povoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo. In S. O. Jorge (ed.), *A Idade do Bronze em Portugal*, p. 126. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1995b) – As cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo. In S. O. Jorge (ed.), *A Idade do Bronze em Portugal*, p. 88. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1995c) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 5, p. 6-14. Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L. (1995d) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1995e) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.
- CARDOSO, J. L. (1997) – A ocupação do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 7, p. ??-??.
- CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho (1995) – *A lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Câmara Municipal de Sesimbra.

- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. R. (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa, Revista Municipal*, série II, 15, p. 3-18.
- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (s/d) – *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mem Martins.
- GAMITO, T. J. (1990/92) – A cerâmica de retícula brunida do Castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*, série IV, 8/10, p. 277-297.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H. & BURGESS, C. B. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*, 0, p. 189-244. Porto.
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ALVES, F. J. S. (1995) – *Levantamento arqueológico do Algarve – Concelho de Lagoa*. Câmara Municipal de Lagoa.
- GUERRERO, M. Esteve (1945) – *Excavaciones de Asta Regia (Mesas de Asta, Jerez)*. *Campaña de 1942-43*. Acta Arqueologica Hispanica, 3. Madrid.
- KALB, P. (1980) – O “Bronze Atlântico” em Portugal. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, p. 112-138. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Walther de Gruyter & Co. Berlin.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J. L.; RAPOSO, L. & PARREIRA, R. (1972) – Achados da Idade do Bronze no monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – notícia prévia. *O Arqueólogo Português*, S. III, 6, p. 207-212.
- MARQUES, G. & ANDRADE, G. Miguéis (1974) – Aspectos da Proto-história do território português. 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- PARREIRA, R. (1983) – O cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 149-168.
- PARREIRA, R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In S. O. Jorge (ed.), *A Idade do Bronze em Portugal*, p. 131-134. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- SCHUBART, H. (1971) – Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 28, p. 153-182.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) – Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luzia e o desenvolvimento do Bronze Final peninsular. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 215-232. Editorial Colibri. Lisboa.
- SERRÃO, E. da Cunha (1958) – Cerâmica proto-história da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, 9 (2), p. 177-186.

- SERRÃO, E. da Cunha (1959) – Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*, (Lisboa, 1958), 1, p. 337-359.
- SERRÃO, E. da Cunha (1970) – As cerâmicas de “retícula bruñida” das estações arqueológicas espanholas e com “ornatos brunidos” da Lapa do Fumo. *Actas da I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1, p. 273-308.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1973/74) – Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhadriz). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 57, p. 91-153.
- TEJERA-GASPAR, A. (1980) – El Bronce Final del bajo Guadalquivir y su problemática. *Huelva Arqueologica*, 4, p. 181-196.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*. *Trabalhos de Arqueologia*, 9 (2 vol.). Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G. (1964) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000. Notícia explicativa da Folha 2 (Loures)*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.



Fig. 1 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Localização na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha de Loures), Serviços Cartográficos do Exército. Lisboa.

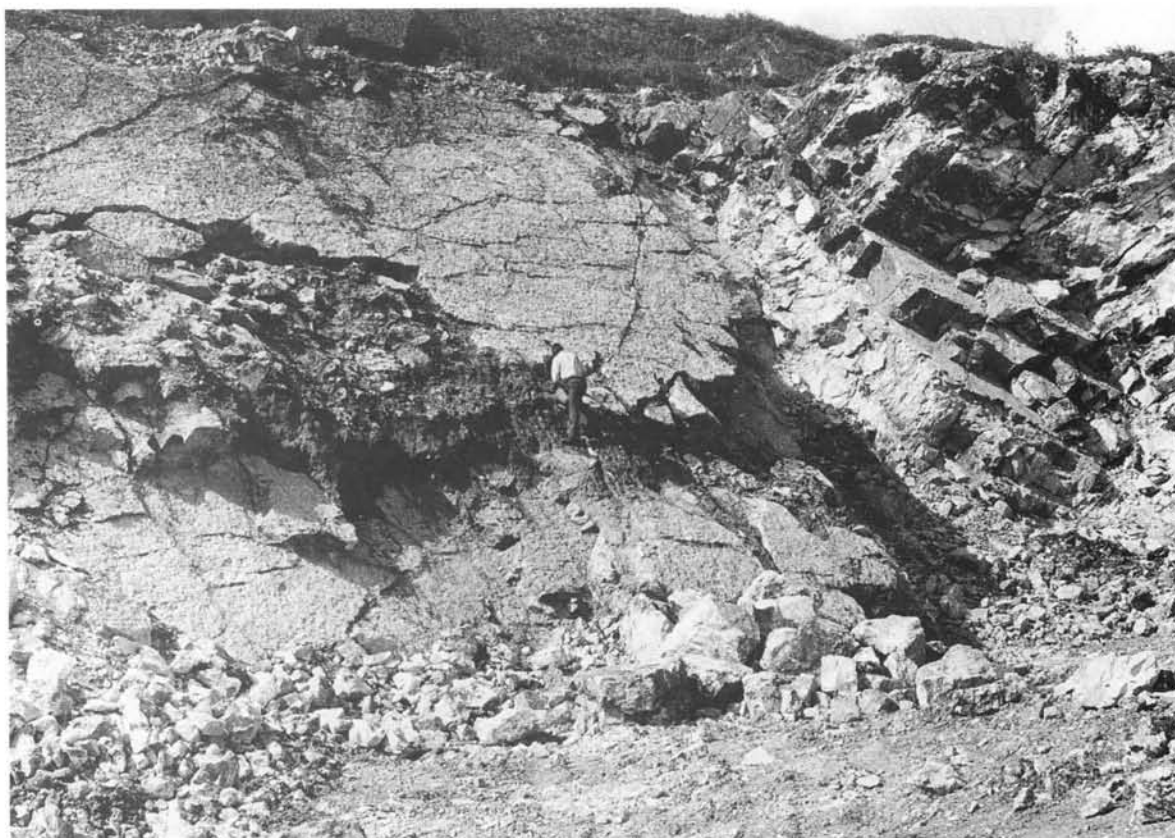


Fig. 2 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista do seccionamento longitudinal, ao centro, do enchimento da cavidade, produzido pela progressão da exploração da pedreira. Foto de M. Leitão.



Fig. 3 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista parcial do seccionamento longitudinal produzido pela exploração da pedreira, depois do respectivo enchimento arqueológico ter sido quase totalmente removido. Foto de M. Leitão.

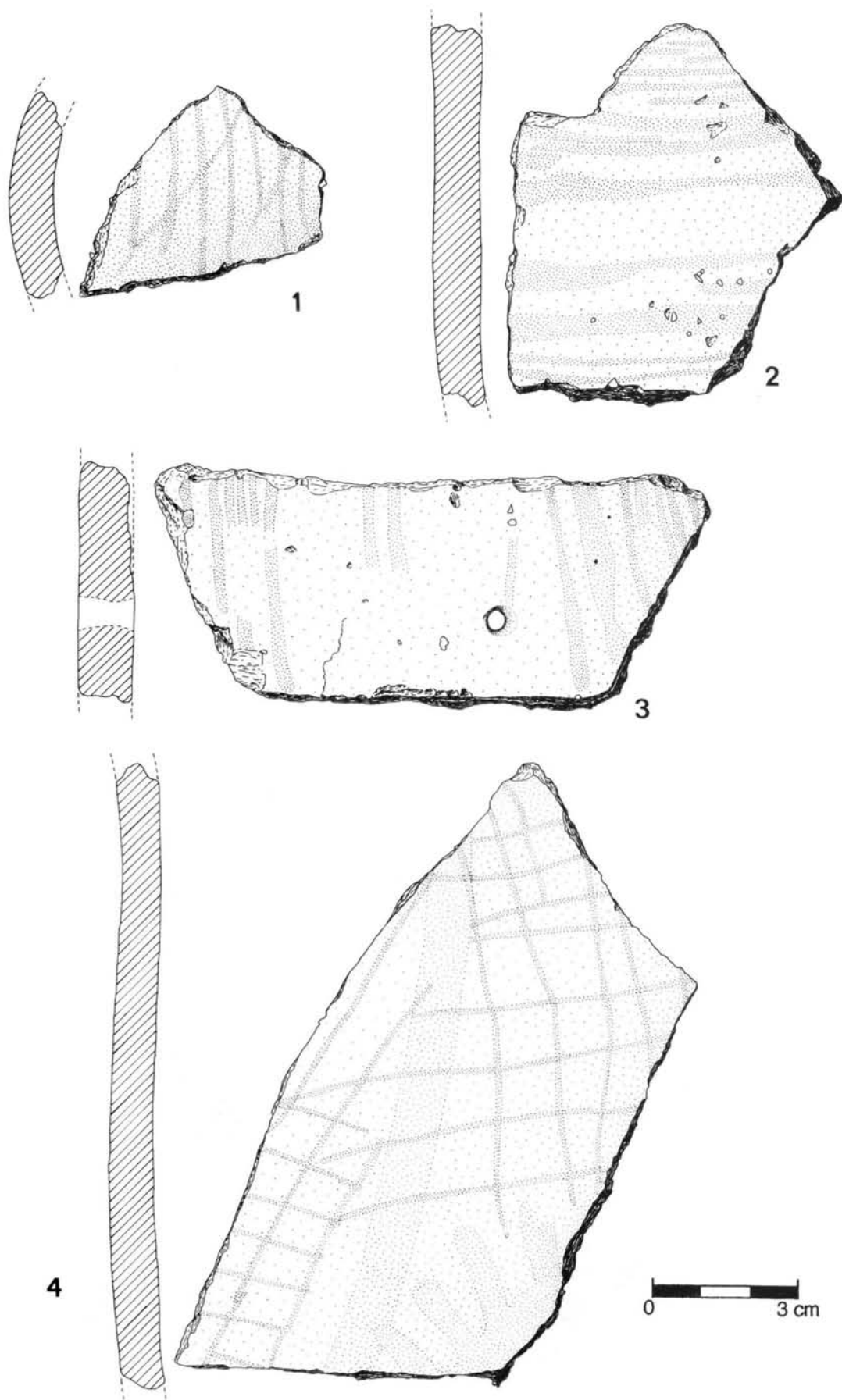


Fig. 4 - Gruta do Correio-Mor (Loures). Cerâmica com ornatos brunidos.

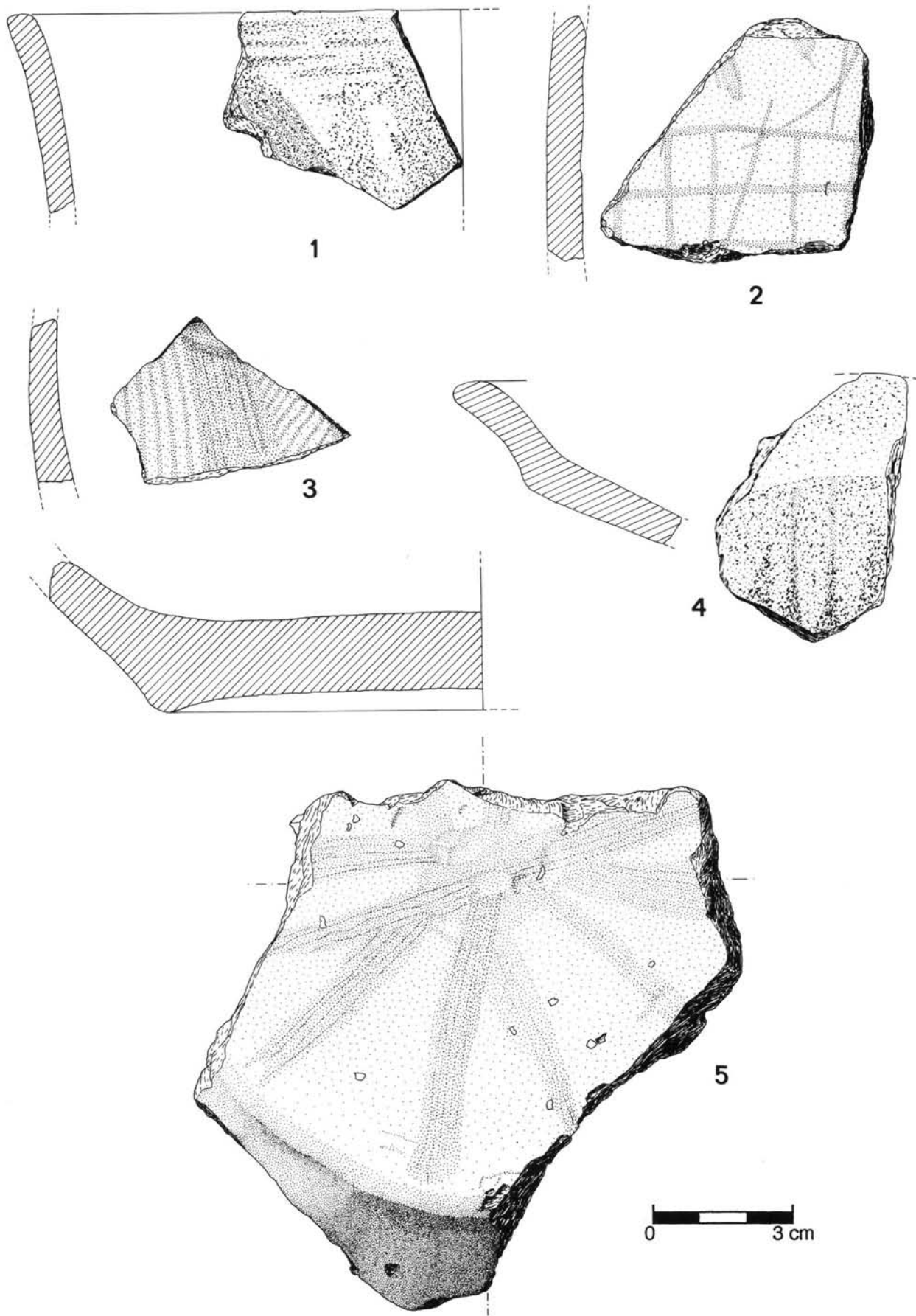


Fig. 5 - Gruta do Correio-Mor (Loures). Cerâmica com ornatos brunidos.

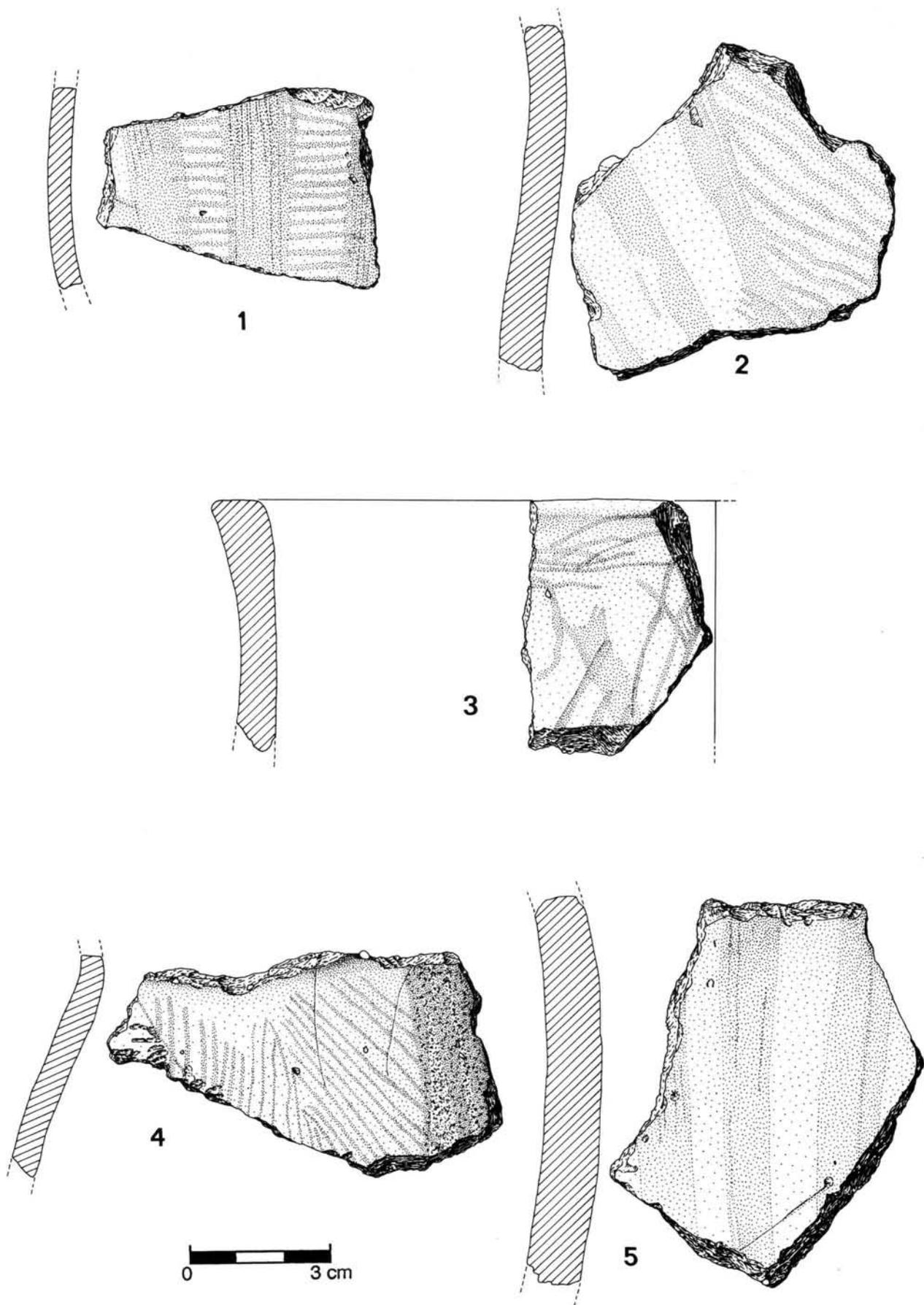


Fig. 6 - Gruta do Correio-Mor (Loures). Cerâmica com ornatos brunidos.